

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILZA CALIXTO MIRANDOLA

UMA VIDA ENTRE SONHOS E PROJETOS

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILZA CALIXTO MIRANDOLA

UMA VIDA ENTRE SONHOS E PROJETOS

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Mirandola, Marilza Calixto.

M672m Memorial de Formação : uma vida entre sonhos e projeto / Marilza Calixto
Mirandola – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-074-BFE

DEDICO ESSE MEMORIAL COM MUITO CARINHO,

A MINHA MÃE, MINHA FORTALEZA

AO BENÊ PELA PACIÊNCIA E AMOR

E PELAS MINHAS FILHAS,

ANA BEATRIZ E ALICE MARI

AS RAZÕES DE MINHA VIDA.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a minha família

A Faculdade

Ao curso de... E em especial ao(a) coordenador(a)...

Ao(A) orientador(a)_

Aos(As) professores (as)

Aos (As) professores (as)

Aos funcionários

Vivido só torna recordação na lei da narração (...) E aí se torna outra vez vivo, aberto, produtivo. A memória que lê e que conta é a memória em que “era uma vez” converte-se em um ... “começa”!

Jorge Larrosa

APRESENTAÇÃO

Esta narrativa apresenta memórias de minha experiência de vida que foram significativas para minha formação.

São momentos em que narrei o ser aluna e os sentimentos e as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no contexto escolar.

Identifiquei nesta minha trajetória de estudante do fundamental, no magistério e acadêmico nas representações ideológicas das políticas públicas educacionais. E seguindo as lembranças da memória, transformei o “era uma vez” em m re-começar, contemplando a minha prática vivenciada na educação infantil, com a educação de jovens e adultos com a teoria.

Não tenho o dom da escrita, não tenho palavras acadêmicas, mas fico com o mineiro Drummond, que diz: “(...) parece que a experiência passada que aí vai contada não me pertence são meus, são nossos, e que não só eu aprendi, mas outros poderão aprender deles e com eles.”.

A formação é um processo contínuo, do ir e vir, do começar e recomeçar... da teoria á prática. É o que faz a diferença...

Na busca de relembrar toda a história de minha vida. Algumas memórias não se perdem jamais, mas outras acabam com o tempo sendo esquecidas. Talvez pelo fato de uma ser mais significativas que outras. É nesse movimento que a vida segue o seu curso, às vezes na alegria e outras na tristeza. E tudo depende de como você os enfrenta.

É nessa busca que está o meu desafio, em escrever, em relatar o que foi significativo em minha formação profissional. Passa a ser uma retrospectiva, uma história de vida e de projetos. Uma trajetória profissional de encontros e desencontros. De superação dos meus próprios limites, um deles seria o de escrever. Nesse desafio comparo-me com um personagem da mitologia grega, Teseu...

“Hoje Teseu¹ sou eu. Estou no meio de um labirinto que os homens construíram com sua palavra. A escrita, como o Minotauro, também devora, dilacera o homem. Mas não quer a carne, delicia-se com que o homem tem de mais humano: a linguagem. Preciso sair do labirinto: a escrita - monstro corre atrás de mim. Mas não quer me devorar, corre para me fazer correr. Ela quer sair do labirinto, tirar a armadura em que a colocaram e se libertar”. (Fragella, 1999 p.51)

Principalmente quando você acha Ariadne, a personagem importante da história, que me deixou um fio para marcar todo o meu caminho que preciso percorrer. Buscar o fio da memória. Todo enredo cujo cenário está representado pelas escolas municipais de Campinas.

São memórias que fizeram parte da minha trajetória de formação, são quinze anos, entre fundamental e educação infantil e EJA². Os vilões burocráticos dessa história seriam as políticas públicas educacionais e os príncipes e princesas representariam as crianças. E as fadas seriam os fazeres pedagógicos e magia seria a prática, a teoria e o universo infantil.

Sinto como se estivesse nesse momento diante de um espelho e nele vejo uma garotinha em frente à lousa. EU estava ali... *Em uma aula de português sendo ridicularizada e humilhada...* diante de todos os colegas da turma. Eu tinha que encontrar um erro que não conseguia perceber e nem entender o porquê. Diante desse fato, escrever para mim passou a ser angustiante, sempre fico com aquela dúvida cruel, se estou escrevendo com certa coerência, se está ou não correta. Posso afirmar que, essa situação vivenciada por mim fez-me muitas vezes sentir desmotivada e isolada daquele universo escolar.

Não sentia parte desse mundo chamado escola porque não era condizente com minha realidade. Um exemplo disso eram as lições de casa que por sinal eram muitas, mas quando

¹ Héroi da mitologia grega que venceu o Minotauro.

² Educação de Jovens e Adultos.

tinha alguma dúvida ou dificuldade em resolvê-las meus pais não tinham escolaridade suficiente para auxiliar-me. Entrava em estado de choro e pânico por não levar as lições totalmente prontas. E meus pais não tinham condições de pagar uma professora particular ou tenta ajudar-me. E assim as dúvidas e as dificuldades permaneciam não tinha coragem de perguntar ou falar à professora que não havia compreendido aquela atividade ou tema.

Nesse sentido percebo que esta escola não levava em consideração a criança, o seu ambiente familiar diferenciado, o seu aspecto econômico, como também e principalmente o aspecto cultural e afetivo. Então pergunto: Qual o ideal dessa escola que se dizia democrática?

Que respeitasse e reconhecesse os conhecimentos já adquiridos da criança como também valorizar todos os sujeitos envolvidos naquele contexto escolar, permitindo assim, que as relações se estabelecessem de maneira mais justa, solidária e construtiva.

Penso que, são através dos valores, da cultura que a escola conseguirá trabalhar com as diferenças sem ser preconceituosa com negros, pobres, deficientes, etc... Infelizmente nem sempre estas relações acontecem desta forma, quase sempre, os adultos, mais especificamente educadores e professores estão presos por seus valores pré-estabelecidos, sua moral, seus medos, e tentam sempre, a todo custo, passa-los, ou melhor, transmiti-los como única e absoluta verdade.

Muitas vezes, aquele sonho de oportunidade, de mudança de ambiente social, de novidade e de curiosidade, são elementos qualitativos que a educação deveria promover. Mas o próprio sistema educacional que legitima o sistema capitalista que acaba destruindo os sonhos e paralisam todas as expectativas de futuro de realização social, econômico e profissional.

Faz com que os aspectos mais significativos para a vida humana não sejam selecionados e destacados. Esta educação, que forma pessoas indiferentes, apáticos ao conhecimento, não críticos, inertes, passivos e crentes que tudo é imutável. Um mero instrumento de alienação. Logo para os diferentes, inquietos, questionadores, criativos, resta o rótulo de perturbadores, de indisciplinados e esses acabam sendo excluídos da escola.

É esta educação tradicional que prevaleceu na maioria das vezes em minha formação. Nessa trajetória, percebo que o sistema educacional vem marcado por uma visão compensatória.

Lançando ao longo desses anos, várias propostas teóricas, decretos e leis que serviram como medidas paliativas para reverter uma cruel estatística de evasão, de exclusão, de problemas de aprendizagens e de repetência.

Há décadas que essa estrutura permeia a educação e o Estado procura de alguma forma uma estratégia para demonstrar que estão preocupados com a situação.

Lembro que no magistério, participamos de um curso chamado PROJETO IPÊ³. Esses cursos eram transmitidos por rádio e televisão com o objetivo de divulgar e implantar uma nova proposta curricular de reorganização do ensino do de1ºGrau, o Ciclo Básico, instituído, com o decreto 21833, de 28/ 12/ 83.

Eram debates e discussões de vários pesquisadores de diversas partes do mundo com o propósito de analisar a questão do fracasso escolar nos anos iniciais de escolarização. Com medidas específicas para uma re-estruturação do ciclo básico e também de uma reorganização do saber e da prática dos profissionais de educação.

E será que nessas medidas de reorganização foram respeitados os saberes e as práticas já existentes? É evidente, que foram decisões determinadas e impostas pelo governo, talvez ele achasse que os professores não fossem comprometidos o suficiente com a alfabetização e tão pouco competentes para buscarem soluções próprias para os problemas existentes no ensino. O interessante é que o decreto foi instituído no final de 1983. E “sua divulgação ocorre num segundo momento, ou seja, no início do ano de 84, quando os professores tomam ciência, abruptamente, dessa mudança, já em ação no novo ano letivo” (Bedendi, 2000, p.13)

Evidenciei lá no magistério, as manobras sutis e autoritárias do Estado, com um projeto formulado por um departamento responsável em controlar as metas educacionais. Além de controlar tinha intenção de difundir suas idéias principalmente às futuras professoras.

Tudo isso, para favorecer a quem? Possivelmente são propostas pensadas para a aquisição de habilidades e conhecimento sistemático.

Que são minuciosos cálculos para favorecer as necessidades da sociedade dominante que precisa de mão de obra qualificada para manter o mercado industrial, a tecnologia e o lucro. Para tal, sempre está realizando alguns ajustes no sistema educacional.

Cito como exemplo, o colégio, em que fiz o magistério, passou a atender também o nível técnico que seria o magistério. Foi um período conflituoso entre alunos e professores porque entramos com uma expectativa de formação. E esta não estava satisfazendo nossos anseios, portanto não estava proporcionando um ensino adequado.

Naquele instante, não tínhamos uma visão mais ampla da situação, não relacionamos aquele momento conflituoso como uma consequência do resultado de mandos e desmandos de uma política educacional burocrática e autoritária. Recaindo assim, todas as críticas negativas sobre os professores, onde as maiorias eram efetivas (os) daquela unidade escolar.

E que demonstraram não estarem estruturados o suficiente para ministrar aulas para o magistério. Será que não tiveram tempo para reestruturar e se interar da nova proposta? Será que estavam à maioria dos professores de acordo com a nova proposta? Ou será que foi imposição?

Essa mudança foi decorrente da Lei 5692/71. Uma estratégia política, que na verdade querem o que com isso? “(...) o que se quer do sistema educacional é a produtividade, o baixo custo de mão-de-obra numerosa, mas com qualificação profissional técnica, disciplinada e dócil, adequada às necessidades de manutenção do sistema econômico vigente”. (Severino, 1986).

Afinal, o que seria esse ensino médio? Seria a divisão, entre os pretendentes ao ensino superior e aqueles com necessidade de entrar no mercado de trabalho. Seria uma preparação sistemática para selecionar a população, elite e assalariado.

São aquelas normas estabelecidas pelo Banco Mundial. Um assunto muito debatido em política educacional, onde Torres, (1995) cita claramente as estratégias dessa organização, que está a serviço dos países desenvolvidos.

Eles se apropriam do nosso sistema educacional. Implantando leis e projetos que já foram aplicados em outros países com realidades que não condizem com a nossa.

Esses projetos são de fato planejados. Não por educadores, mas por grandes economistas que priorizam o custo /benefício e assim, a escola passa a ser vista como uma empresa.

Apenas um instrumento para qualificar, para suprir a demanda do mercado e então pergunto: – E o professor onde fica nesse processo?

Eu diria que passa a ser protagonista desse processo, um mero reprodutor do sistema capitalista e participante de um jogo de muitos interesses que passa muitas vezes imperceptível aos nossos olhos.

Assim as ações, as palavras que são significativas em nosso cotidiano são projetadas, por um discurso, por um novo formato, ou melhor, com uma nova significação. Assim: *“Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações como*

³ Curso promovido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/Departamento de Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional.

legítimas, com isso acabam dissimulando as relações de força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (Bourdieu&Passeron, 1975: 19).

Saviani (1993: 30), diz que, essa violência simbólica se manifesta de múltiplas formas: a formação da opinião pública através dos meios de comunicação de massa, jornal, religião. Cito como exemplo a palavra “cidadania”, tão usada em nosso cotidiano, nunca se falou tanto como hoje em formar cidadãos. Fica evidente que para o trabalhador o exercício da cidadania tem um valor. Porém, essa mesma palavra pode ter um significado para a Cut e outro para os membros da Fiesp. (Sanfelice⁴)

São diversos interesses projetados em uma mesma palavra por setores diferenciados de uma mesma sociedade. A palavra é tão utilizada em nosso cotidiano que acaba mergulhada em um discurso vazio e ilusório.

Ninguém forma cidadãos, todos já são conscientes ou não do seu papel nessa sociedade que, muitas vezes exclui e que torna o cidadão cada vez mais pobre.

No entanto, como construir uma sociedade como a nossa com tanta diversidade? Que possa ter equilíbrio entre a igualdade e a diferença? Que favoreça os direitos fundamentais de cada indivíduo em todos os aspectos, seja social, o econômico e cultural?

São questões vista por mim em multiculturalismo, afinal um termo novo, uma disciplina que veio apontar as desigualdades. Sinalizando a importância de políticas de ações. Seria o rompimento de paradigmas? Seria um transculturalismo?

Não tenho uma resposta pronta, só posso dizer que existem iniciativas de alguns seguimentos (direitos humanos da ONU, UNESCO, ONG, ASSOCIAÇÕES) são organizações que procuram suprir a falta, o vácuo que o governo deixa por não cumprir com suas obrigações com a maioria da população. E quando a educação formal não supre a necessidade, a sociedade vai criando alguns mecanismos emergenciais para atender a demanda da população. Surgem às chamadas educação informal e aquela não formal. Essa última desenvolve atividade de lazer, cursos profissionalizantes com objetivo de formar cidadãos aptos, mas com qual especialização? Possivelmente para conter a violência, para diminuir carência afetiva, pobreza...

São cursos, cuja, a qualidade é duvidosa que não insere o jovem ao mercado de trabalho. Não dá subsídios para que tenha condições de concorrer uma educação de nível médio ou superior.

⁴ Atividade cultural do dia 09/03/04 – Políticas educacionais brasileiras.

Logo os excluídos são esses considerados diferentes, por terem suas características sociais e étnicas (negros, índios, portadores de necessidades especiais e trabalhadores de classes populares) que não representam o modelo dominante.

Esse modelo acaba privilegiando indivíduos que já possuem um capital social. Modelo ideal e esperado pelas instituições escolares. São os selecionados, os filhos de uma minoria, a elite, que podem ser bem preparados para o vestibular, que podem cursar uma universidade pública. Isso é status, é legitimar o poder.

Enquanto que uma maioria está à margem dessa possibilidade. E esses não têm acesso... por quê?

Porque não querem... diz o governo que a oportunidade é dado para todos.

Mas se eu quisesse concluir um curso universitário, principalmente o público, a possibilidade era desistir de trabalhar, na época, a maioria dos cursos na Unicamp eram em período integral.

O único caminho seria pagar uma particular, onde o valor das parcelas geralmente superava o meu salário, sem financiamento, fui obrigada infelizmente a desistir e trancar a matrícula sem nenhuma perspectiva de retorno aos estudos. Esta fase foi muito difícil, pois não é nada fácil você desistir de um sonho.

Quando consegui ter acesso a esta instituição pública... percebi nitidamente a discriminação com relação ao curso, o PROESF⁵. Discursos preconceituosos a nosso respeito realizado pelos alunos da pedagogia regular, e de outras áreas, por alguns professores Doutores (os contrários a proposta). Penso que esse movimento preconceituoso se deu pela estruturação específica desse curso em função do tempo de conclusão e a contratação de Aps⁶, para ministrarem esses cursos⁷.

Todas essas adequações foram feitas para atender as exigências de um artigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)⁸ – no artigo 62, que fez com que várias Secretarias de

⁵ Programa de Formação Especial para Professores em Exercício.

⁶ Assistentes Pedagógicos.

⁷ O curso foi planejado, organizado e está sendo desenvolvido na forma de colaboração entre a Unicamp e as Secretarias de Educação Municipal desses municípios. A organização da proposta de curso, bem como sua articulação política, estiveram a cargo de um Colegiado composto por representantes da Pró-Reitoria de Graduação, de professores da Faculdade de Educação da Unicamp e dos Secretários Municipais de Educação da RMC. Uma importante característica deste curso é a de oferecer a formação pedagógica também aos professores que atuam na Educação Infantil, além dos professores que atuam de primeira a quarta séries do ensino fundamental.

⁸ Os fundamentos legais do curso de Pedagogia são os estabelecidos pela LDB 9394/96 (Artigos 61, 67, 70, 81 e 87), Resolução CNE/CP 01/99, o Parecer CNE/CP 04/97, a Resolução CNE/CP 02/97, o Parecer CNE/CEB 01/97, a Resolução CNE/CB 02/99, os Pareceres CNE/CP 009/01, CNE/CP 27/01, o Parecer CNE/CP 28/01, e a Deliberação CEE 12/2001 (Artigos 1º, 2º. e 5º.).

educação municipais promovessem a formação dos professores... Afinal o discurso sempre foi que a educação está dessa forma porque o professor não tem formação.

Que formação é essa? Onde se diz que ele precisa se atualizar, reciclar, capacitar... esse é o discurso da sociedade.

Mas que não garante um salário digno, escolas mais estruturadas tanto em espaço físico quanto de recursos pedagógicos e que possibilite uma política que valorize o professor.

Que seja incentivado a buscar novos conhecimentos, que o leve a pesquisar a sua prática (práxis), que contemple um plano de cargos e carreiras, que o valorize na ética, no financeiro e no social. Acredito que é dessa forma que possamos obter uma formação de qualidade. O preconceito gerado na efetivação desse cronograma de formação de professores surgiu primeiramente por não termos realizados um vestibular tradicional, mas fomos contempladas por uma avaliação que abordava conhecimento específico do magistério.

O vestibular para que? Para medir o conhecimento geral, para selecionar se o indivíduo está ou não apto para frequentar uma faculdade, muitas vezes, esse conhecimento se dá através da memorização, do saber sem significação tornando pura e simplesmente uma obrigação. Mesmo se você não vai utilizar-lo em seu curso, não interessa, tem que saber... tem que estar preparado para o vestibular. Não para o curso desejado.

Se entrei na UNICAMP diferentemente do tradicional, é possível acreditar que esse país pode ter jeito. Mas embates e conflitos surgiram com relação a nossa formação, da forma que foi estruturado o curso e quem seria Aps?

Seriam professores selecionados da rede municipal e com um curso intensivo e preparatório, no 1º semestre de 2002, de responsabilidade dos professores-doutores, esses poderiam escolher as disciplinas que mais se identificavam e muitas vezes essas disciplinas não eram da sua formação.

Gerando insegurança, descontentamento pela maioria das alunas-professoras. Não condeno as APS, acho que são corajosas por estar nessa situação conflitante, de serem julgadas, analisadas, cobradas e avaliadas pelas alunas e coordenadores das disciplinas.

Embora as críticas sejam muitas, estamos sempre caindo na mesma armadilha da crítica pela crítica. Não vi reivindicação, não vi mobilização, ações concretas que contestasse a forma que esse programa foi colocado em prática. Foi efetuado de acordo com o custo/benefício, com previsão de início e término. Essa situação poderia ser amenizada. Não sei. Mas poderia ser melhor.

Embora o conhecimento esteja para todos e em todos, não podemos negar que o fator tempo influenciou e restringiu muito a qualidade desse curso. E a insegurança, a falta de argumentação de todos os envolvidos não gerou reinvidicação e sim uma desmotivação generalizada. Não tiro o mérito de alguns Aps que sobressaíram e que me possibilitou novos conhecimentos, a buscar novas leituras, um olhar mais crítico com relação ao meu fazer pedagógico.

Sou exemplo dessa história de sonhos, de tentativas, em cursar outras instituições, e ter que desistir...

Senti uma sensação de impotência, mas não desisti da idéia de concluir um dia uma faculdade. Então resolvi fazer um cursinho para enfrentar o vestibular. Afinal, faz um tempo que havia saído de um colegial, que mesmo naquela época não dava margem para passar em um vestibular da UNICAMP. Tão concorrido quanto hoje.

Mas nesse período, surgiu a oportunidade de inscrição para esse curso onde a proposta era atender professores de prefeituras da região metropolitana de campinas que não tinham nível universitário.

E ao ser convocada para efetuar a matrícula foi uma realização, finalmente estava reiniciando um projeto que estava adormecido há muito tempo.

O desafio estava ali, no ato da inscrição, e assim, o primeiro dia de aula, cheguei com muita expectativa com relação ao curso de pedagogia e poder aproveitar tudo que a universidade poderia me oferecer.

Mas foi uma ilusão, pensar que iria participar de muitas conferências, palestras, mesas redondas que aconteceram no decorrer desses anos não foi possível pelo fator tempo.

Durante o dia tenho que trabalhar, a noite não tinha como sair da aula para a palestra. Acho que poderíamos ter essa possibilidade sem prejuízo de perda de aula. Contanto que tema abordado fosse o mesmo da aula com participação da turma juntamente com a APS ou individualmente. Sairia da rotina. E nos momentos de avaliação de final de semestre teria que estar presentes todos os APS e coordenadores, seria um debate sobre os assuntos abordados naquele semestre. Uma mesa redonda onde alguns alunos estariam representando todos os outros. Acho que seria mais construtivo.

No entanto, o segundo momento, nesse curso seria sentir-me integrada a um grupo e posteriormente com a turma. Foi muito difícil. Os grupos já estavam formados e naquela primeira semana pensei em pedir para trocar de sala, quando encontrei uma colega que estava

na mesma situação que a minha. Ela já estava no ponto de desistir do curso. Então resolvemos juntas formar um grupo e fomos aos poucos agregando as outras que estavam sentindo deslocadas dos seus respectivos grupos.

Assim fui participando desse grupo com um mesmo propósito, no caso, realizar leituras, reflexões, produzir e apresentar o material. Mas acima de tudo, criar laços de amizade, respeitando as diferenças, ouvir, dialogar e avaliar os pontos positivos e negativos de toda atividade.

O trabalho em grupo passou a ser um exercício para estabelecer uma relação interpessoal passando muitas vezes por vários conflitos. Exigindo nesse espaço de tempo ações de solidariedade, compreensão e tolerância entre as integrantes do grupo.

É nesse momento, de estar em grupo que observei o quanto somos condicionados, a uma postura mais individualizada e solitária, onde as maiorias dos integrantes apresentaram alguma resistência em entrar no consenso de idéias, de partilhar responsabilidade, de confiar na capacidade do outro, ter uma atitude franca e sincera perante o grupo.

Mediante a esses fatos acredito ser um trabalho integrado, do pensar juntos, do produzir, do superar as dificuldades, conflitos e do fazer acontecer. É dar espaço cada vez maior para a criatividade e o resultado acaba sendo no final muito gratificante.

A exemplo disso foi o desafio de produzirmos um vídeo, que foi filmado no centro comercial de Campinas, proposta essa, da disciplina de tecnologia. O nosso objetivo era representar a massificação veiculada pela mídia e a influencia da tecnologia em nosso cotidiano. O roteiro apresentado foi de acordo com a música: “Eu etiqueta”, de Carlos Drumonnd de Andrade.

Essa disciplina foi para mim um desafio do começo ao fim, nos acolheu com respeito e dignidade, fez-nos sentir capazes de utilizar o computador, foi uma conquista, de enviar e-mail, de participar de fórum e digitar os portfólios. E nesse caminhar o desafio... enfrentar a produção de textos (a minha dificuldade) muitos textos...

E foi nesse movimento teórico que percebi a necessidade de estar resgatando uma prática que a alguns anos vinha realizando na escola que é o registro das atividades.

No início era apenas simples tópicos das atividades realizadas, com o tempo comecei a descrever os procedimentos passo a passo da mesma. E ao reler esses escritos comecei a ver que teria que detalhar os fatos mais importantes e sucessivamente a minha postura diante das atividades realizadas.

Descobri no registro um meio de rever a minha prática, de observar o envolvimento das crianças nas atividades e também uma forma de re-direcionar se preciso fosse o meu planejamento.

E nos diversos relatos da turma observei que a maioria das professoras - alunas não estabeleciam em suas unidades escolares um trabalho em grupo e integrado. Situação idêntica vivenciada por mim na minha unidade escolar em que acontecem somente alguns episódios de integração para preparar as festas e datas comemorativas.

Para mim isso é reflexo de uma prática individualista presentes em nossas escolas. São momentos isolados de integração onde o fazer pedagógico integrado acontece timidamente em duplas e outros no individual.

O que me angustia é que faço parte desse grupo que diz trilhar um caminho sócio-interacionista, são apenas uma década de tentativas, às vezes penso que esse trabalho integrado com o envolvimento de todos os professores da unidade, esta mais para uma utopia distante da escola publica.

Aquele trabalho baseado na troca de experiência, na elaboração das propostas dos diferentes projetos e de cada turma e proporcionando um contato maior com as famílias e a comunidade. Paro (1997) considera que a participação deve ser deliberativo e de todos os envolvidos na comunidade escolar.

No entanto, os neoliberais transmitem uma idéia centralizadora, uma visão individualista do homem. Isso interfere em várias instâncias de nossas vidas.

Diz que as pessoas são portadoras de qualidade inatas, ou seja, lógica individualista, e não se discuti as condições sociais, políticas, econômicas e as oportunidades culturais que cada um possui e que são herdadas.

E o discurso hoje em dia é que todos têm de ser empreendedores, investir para ter oportunidade de trabalho e não se descuti porque o trabalho esta escasso e o porquê da competição tão acirrada.

A explicação é que o mundo está em constante evolução, há uma super valorização na produtividade e no desenvolvimento tecnológico. E você não está adequadamente preparado para as exigências do sistema, torna-se um indivíduo excluído. Durante esse período acabei não me atualizando, quer dizer, acabei gerando uma auto-exclusão. Com isso, cresceu a minha culpa. E acabei buscando a literatura de auto-ajuda, e a mesma diz que a solução está em mim.

Nesse sentido vejo-me sujeito desse processo, sempre o professor acaba sendo o responsável pelos fracassos e pelas efetivações de projetos, leis, reformas e decretos. CANDAU

(1988),... fala do “velho discurso que atribui a educação, a missão de superar todos os problemas existentes dos países em seu processo de modernização.”

Nesse sentido, sempre há um discurso de urgência das reformas e concomitante a ele, as possíveis estratégias a serem impostas, sem ao menos dar aos diferentes seguimentos da sociedade o direito de analisá-las e dar um parecer favorável ou não para as mesmas.

“Era como se a janela dos seus olhos fosse voltada para dentro e debruçada nessa janela ela passasse seus dias entretida. Mas isso os outros não sabiam”. Marina Colasanti.

Vejo assim, de olhos voltados para dentro em minha sala de aula, para os meus alunos, para os meus problemas e os problemas dos outros só eram vistos quando estes relacionavam a mim.

Assim me vi, nas atitudes, nos gestos e nas palavras uma representante do sistema e resultado de uma educação tradicional.

Paro fala que esse espaço de saberes, de sentimentos, de encontros e desencontros, de criança e adultos, onde o “meu” deve dar lugar para o “nosso”. É nesse sentido que faz com que a escola caminhe.

Como uma orquestra com diferentes instrumentos e sons, afinados e unidos dá-se a harmonia de uma melodia. Uma metáfora... uma perspectiva da coletividade.

Uma busca entre a teoria e prática.

Essa era a minha busca constante, identificar na minha prática as diferentes teorias existentes. Mas como? Em que momento? Teria que encontrar um caminho que viabilizasse chegar nesse meu propósito.

Talvez os registros fosse o caminho, enfim um recurso para analisar e pesquisar as possíveis teorias. E foi nessa formação acadêmica que possibilitou identificar nesses registros as diferentes leituras dos autores e temas abordados.

Esses registros aconteceram no decorrer do trabalho com literatura infantil, com crianças 2 a 6 anos.

A princípio era um projeto individual que foi realizado durante um bimestre, mas devido ao interesse da criança a proposta foi se ampliando por um semestre. E foi se estruturando a partir da socialização de diversas experiências e conhecimentos as outras professoras integrantes ao projeto literatura.

Estávamos unidas por objetivos idêntico e assim movidas por uma nova perspectiva de trabalho.

E a partir desse momento iniciamos uma proposta de trabalho integrado através de um conto. Notamos o grande interesse das crianças por esses clássicos, que sempre solicitavam a leitura do mesmo todos os dias. Por que esse encantamento pela história? Porque através do conto as crianças vivenciavam sentimentos e emoções que são passados pelos personagens. Os enredos das histórias retratam situações do dia-dia entre pessoas, que são identificadas e percebidas pelas crianças. Também retrata formas diferentes de pensar, agir e ser. Levando em conta essas considerações fui em busca de explicação para aquele fascínio que o conto estava deixando em todos.

Encontrei no Bruno Bettelheim uma referência de estudo sobre os contos que vinha de encontro com os meus anseios. Mas não foi suficiente. Surgiu nesse estudo, a crítica com relação à violência contida nesses contos, a cultura presente de outros países e algumas correntes que criticam o maniqueísmo (doutrina de dois princípios opostos do bem e mal) dos contos, argumentam que tais contos permitem que a criança crie uma idéia preconceituosa com relação às pessoas.

No entanto, Bettelheim analisa de uma outra forma. Fala que a presença do bem e do mal no personagem permitiu que a criança conheça essa dualidade que está presente na vida. Mesmo com todos os entraves resolvemos seguir em frente, um caminho novo, sujeitos a erros e acertos.

O fato é que esses contos vão ao encontro do lado psicológico e emocional do ser humano, dos diversos sentimentos que a criança vivencia, mas não conseguem nomeá-los, como a rejeição, o abandono, a rivalidade, a morte, o sexo e outro.

Esse trabalho construído e realizado por uma integração de idéias e saberes de professoras e alunos.

Foram progressivamente interagindo naquele contexto literário através de atividades diversificadas, de escolha dos próprios alunos, antes, porém ouviam a história, começaram a ter mais comunicação ativa, falavam dos seus sentimentos, do que gostavam ou não, tinham uma participação mais dinâmica na maioria das atividades propostas.

Tudo o que era realizado tinha sua significação e explicação. E sucessivamente começamos a envolver os pais em algumas atividades. Estratégia que resultou em uma participação maior dos pais nas reuniões. Estas que foram reestruturadas com dinâmica de relaxamento, com história e temas de acordo com a necessidade de cada turma.

Os resultados observados no decorrer do desenvolvimento do projeto, geraram curiosidade e conflitos entre as professoras que não conheciam a proposta.

Elas queriam e tentaram desenvolver o projeto em suas salas de aulas, mas desistiram por insegurança e por medo do novo. O projeto não tinha modelo pronto, as atividades tinham que ser pensadas, construídas e efetivadas de acordo com a faixa etária das crianças.

Todas as professoras que participavam dessa proposta tinham que estar receptivas para os erros e acertos e preparadas para as trocas de experiências e expor suas dificuldades diárias, porém foi um dos fatores que contribuíram para algumas desistirem do projeto.

De modo geral, na educação, tudo que foge a regra é mal compreendido e contestado. Principalmente quando a prática pedagógica passa a ser construída sem conteúdos pré-estabelecido. Saindo do paradigma tradicional.

E principalmente manter como eixo principal a literatura infantil de forma prazerosa e lúdica. A literatura corresponde um campo muito abrangente no aspecto cultural, social e emocional. Portanto, não se trata propriamente em pegar um livro e contar a história. É muito mais, é compromisso e responsabilidade no que está transmitindo.

É estar atento as possíveis interpretações e implicações ideológicas contidas na história. Isso demanda tempo de pesquisa, leitura, visita às bibliotecas e estudos.

Puxando o fio da memória sinto aquela sensação da descoberta, da realização, das trocas de experiência realizada com as colegas que desenvolveram o mesmo projeto, as reações das crianças, a integração das turmas e nas atividades.

E no momento presente com um olhar mais crítico, pude identificar alguns autores que retratam sobre projeto, literatura infantil, infância... E nesse desafio de compreender as diferentes leituras que ocorreram nesse movimento acadêmico, proporcionou um encontro com os pensadores, os clássicos, busquei aqueles que me deram mais ênfase e significado a minha prática.

Assim comecei a redirecionar as atividades partindo do pressuposto que criança tem que vivenciar a infância, o lúdico e o simbólico. E distanciar-me de modelos prontos e mimeografados muitas vezes descontextualizados.

Retomo a linha do tempo, volto na primeira sala de educação infantil, da prefeitura de Campinas, em uma creche, mas minha sala pertencia a um programa da Fumec, e essas salas atendiam crianças do parcial, era uma sala de Pré, não tão numerosa quanto a da creche embora utilizasse esse mesmo espaço.

Cheguei somente com aquele conhecimento retrógrado do magistério sem uma metodologia definida. O que fazer com aquelas crianças? Como seria o meu planejamento?

Vi então a importância de se ter profissionais comprometidos e essas terem consciência de seu papel na escola.

Não poderia aqui deixar citar essas pessoas (a diretora /orientadora) que me receberam, mostraram as dependências da creche, que contribuíram na minha formação e me auxiliaram quando precisei. Maria do Carmo, a orientadora pedagógica, que me orientou, mostrou os primeiros passos na educação infantil, apresentou Freinet, mostrando assim a possibilidade de um trabalho diversificado, “os cantinhos”. Que muitas vezes era organizado por mim, uma atitude equivocada da proposta de Freinet, que se baseava em princípios de cooperação, comunicação, afetividade e documentação, espaço livre elaborado por ateliê.

São projetos que contemplam uma prática educativa que favorece a construção e a troca de informações, isto é, uma aprendizagem natural e experimental. “Escola dinâmica, comunicativa, livre, organizada, aberta para o encontro com a vida, integrada com a família e a comunidade contextualizadas em termos culturais”. (Cioppo 1996, p.34)

Esta orientadora ofereceu uma gama de textos relacionado à educação Infantil e ao mesmo tempo incentivou-me participar de cursos oferecidos pela prefeitura. Era uma profissional que gostava do que fazia. Ela foi e sempre será o meu exemplo. E sempre dizia-me: -Não importa a faculdade que você faça, o importante é o significado que você dará ao conhecimento conquistado.

Atualmente procuro desenvolver o projeto em uma perspectiva interdisciplinar, sem cair em modismo. Mas procurar de acordo com o tema relacioná-los as outras áreas de conhecimento.

É um exercício que para mim não foi fácil sair do senso comum, ir além, principalmente na educação infantil.

Nessa trajetória estou participando de um grupo de estudos na escola, que tem como proposta a metodologia de projetos, de acordo com Hernandez (1998, p.72), citando Bruner, os projetos pode ser uma peça central do que seria filosofia construtivista em sala de aula. É estar revendo sempre a minha prática, criando e buscando novos caminhos. É no fazer acadêmico, que me fez identificar esta metodologia com base em alguns teóricos considerados clássicos. Falo da busca de um currículo por projetos, de é estar em contato com Paulo Freire, diz que educador deve ter amor ao mundo e dos homens. Que educação envolve diálogo e inicia na busca do conteúdo a ser trabalhado. Fala que é na realidade que se busca os temas geradores de acordo com o contexto histórico-socio-cultural. Sair da omissão, do comodismo é ter uma postura mais participativa perante as decisões e problemas da comunidade. É a

chamada educação problematizadora experiência existencial levantando os temas geradores que possibilita a investigação do pensar, do produzir o conhecimento sobre as coisas. Essa visão libertadora baseada no diálogo, no trabalho em equipe contemplando temas que não são exclusivos de uma área de conhecimento.

Cito Dewey, que defende uma pedagogia ativa ou viva, um ensino por experiência, as matérias devem ser pautadas dentro das necessidades do educando possibilitando um desenvolvimento global. O papel do professor está na função de organizar o ensino de forma de forma mais flexível e com significação.

Já Decroy apresentou uma escola denominada de crianças especiais, com jogos criativos de interesse da criança para desenvolverem e tornarem aptas para a vida.

Segundo Vygotsky (1994, p.33), antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente através da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. Também Vygotsky em sua abordagem teórica apresenta como ponto essencial a interação social na aquisição do conhecimento, isto é, o cognitivo. Nessa relação teórica estou identificando no meu trabalho com uma interação de meninos, meninas, mulheres e homens e o meio. E este vem sempre representado de significados, de ideologia, história e cultura.

A mudança acontece quando o conhecimento vem ao encontro com o meu ideal de trabalho pedagógico. Com o que acredito ser infância, o brincar e a cultura infantil.

Vem muito de encontro do que vivenciei na minha infância, um mundo de prazer e alegria, de brincar de pés no chão, de subir em árvores, de pular amarelinha...

Cada época tinha uma brincadeira específica, o tempo da roda cantada, do faz de conta...

De entrar no universo da história de fadas, de bruxa, príncipes e princesas e assim poder criar e recriar muitas histórias...

A infância muda a sua essência de acordo com a história e como a sociedade vê a criança. Segundo Áries, na idade média a criança passava os primeiros anos de sua vida sendo paparicadas. E eram vistas como adulto em miniatura. Aprendiam com a convivência e pela experiência dos adultos. Quando as famílias resolveram se preocupar com a instrução das crianças, passa a delegar a responsabilidade para as escolas de educar meninos e meninas, esses eram instruídos separadamente. Mas atualmente a cultura infantil está sendo invadida por diferentes interesses comerciais e ideológicos na intenção de gerarem consumistas das grandes corporações. A criança de hoje tem TV, computador, videogame e fica oito horas em

frente de uma tela ou ficam com o celular jogando... Como faço com a criança que constrói seu mundo infantil olhando imagens o tempo todo? Até que ponto isso é benefício?

Isso é o futuro tecnológico imperando em nosso cotidiano, não posso negar os benefícios que pode estar proporcionado para a sociedade. Mas ao mesmo tempo as informações e fatos que chegam devem ser analisados na sua complexidade de mundo e em sua multiplicidade ideológica.

Nesse contexto, Giroux faz uma análise crítica de filmes e desenhos animados, games e televisão. Fala que esses tipos de tecnologia estão incutidos de valores e conhecimentos que antes estavam de responsabilidade da família e da escola. Hoje transmitem e influenciam valores, preconceitos raciais, gêneros, ceticismo, e outros.

Cito como exemplo os filmes de Walt Disney, tão visto na minha escola, no dia do vídeo, são filmes de altíssima qualidade tecnológica, com efeitos de som e imagem para fascinar adultos e crianças.

Segundo “Kátia Canton,” “vê na globalização das indústrias de entretenimento, um perigo grave da homogeneização”.

Diz que o grande equívoco de Walt Disney foi tirar a diversidade cultural dos contos. Ele reduziu as histórias a pequenos trechos e nem ao menos creditou os méritos aos verdadeiros autores. Descaracteriza os enredos das histórias, incutindo valores da ideologia dominante.

Utilizou de mecanismos políticos, pedagógicos e ideológicos, no intuito de moldar a identidade cultural, apropriando do mundo imaginário e da fantasia infantil. Provavelmente utilizou-se de inúmeras pesquisas sobre literatura infantil, que apontam o envolvimento dos contos de fadas com o lado psicológico e emocional de crianças e adultos. Não temos como fugir dessa tecnologia, que a mídia promove como benéfica e democrática, mas que ao mesmo tempo exclui e massifica.

Historiadores dizem que está acabando a infância. Penso que está mudando a construção do universo infantil. Na realidade as crianças que Piaget, Wallon observaram não são as mesmas de hoje.

A criança ultimamente não tem espaço para brincadeiras livres, correr, pular, subir e pular. Nem quintal, nem rua, somente área reservadas de play-ground. Tornando a escola a única possibilidade de promover esse espaço do brincar, do faz de conta, do simbólico.

Atualmente, a escola fica mais preocupada em construir o lúdico, ter mais brinquedos didáticos e esses já vem especificados a idade, o como e para que serve.

Quanto mais didático, mais pedagógicos e menos infantis. São brinquedos para não brincar, não pode quebrar. É um conhecimento fixo, uma aprendizagem mecânica e sem o uso da criatividade e do pensar. Tem que apresentar alguma didática se não esses brinquedos não servem para as crianças.

Esse olhar crítico com relação à Educação infantil, adquiri através da pedagogia Italiana que me fez ter um parâmetro comparativo com relação à organização de espaço e como as produções coletivas acontecem e estão estruturados em minha escola. Senti incomodada com a forma que a escola está organizada, ainda expressa uma concepção tradicional, com mesas e cadeiras, limitando o brincar, tudo tem que ser adaptado para atender um número excessivo de crianças. Trabalho em uma creche, onde essa questão de espaço físico deve ser revisto na sua forma de produção coletiva, sem ficar confinados em salas, poder conhecer e explorar outros espaços com flexibilidade e versatilidade baseadas em ações refletidas para atender adequadamente a infância.

Uma dificuldade sentida por mim foi a falta de teoria com relação a faixa etária de 0 a 4 anos de idade. Precisava aprender como era ser professora de criança pequena?

Era estar dia após dia em contato direto com as crianças, o toque, o banho, uma troca, uma música de ninar...

Dialogando e vencendo as barreiras que existiam entre a professora e a monitoras - educadoras. Essas sentiam donas daquele espaço e eu era a intrusa e leiga daquele universo chamado berçário. Espaço fechado, isolado daquele contexto que ironicamente era aclamado coletivo. Em que momento era coletivo? Depois do convívio e do confronto, consegui com muita resistência sair para fora com os bebês, fazer uma massagem, pegar no colo, nada podia, tinha que respeitar a rotina, ou seja, o horário... mas tudo pode ser (re) pensado até mesmo o espaço físico foi modificado. Mas por um período restrito. Sei que ninguém muda ninguém, essa mudança deve acontecer subjetivamente de dentro para fora.

Mas consegui conquistar a confiança de crianças e adultos e naquele ano estabelecer uma relação de respeito, de interação entre pais, monitores e direção da escola.

Após esse estágio profissional no berçário, com o início dos estudos na faculdade, acredito ter sido agraciada nesse período de UNICAMP, posso dizer que renderam para mim muitos frutos...

O da conquista de novos conhecimentos, novas amizades e da maternidade...

Duas vidas... uma do coração e a outra da “barriga”

É o impossível... tornando possível...É Deus...

Que represento a seguir em poesia, minhas filhas... minha vida.

*Era uma vez uma casa...
Uma casa com telhado
Com janelas
Com portas e com quintal
Era uma vez
Uma Casa
Uma casa com árvores...
Uma casa sem crianças
Era uma vez
Duas meninas
Duas meninas com
Sonhos lindos e que
Gostavam de crianças
Era uma vez
Uma casa*

*Era uma vez duas meninas
Que juntaram os sonhos
E transformaram a casa
Aconteceu então
Que a casa ficou alegre
Uma casa alegre
Com janelas enfeitadas
Com portas para entrar
Na harmonia, na fantasia
Dos contos, das brincadeiras...
Aconteceu enfim
Numa casa alegre
Duas meninas sonhando
Sonhos belos
Sonhos possíveis
Num ESPAÇO encantador*

*Onde crianças correm
Onde crianças sorriem
Onde crianças crescem
LIVRES
Assim,
Vão fazendo história. Vão sonhando
E aprendendo a crescer.*

Marlene Rodrigues Faria

Nessa busca de encontrar o caminho, do labirinto, encontro alunos excluídos pela sociedade cruel e capitalista, marginalizados, sem perspectiva de uma vida melhor. Desanimados, com uma baixa auto-estima pela sua defasagem escolar. Alguns totalmente analfabetos outros só reconhecem a própria assinatura do seu nome, outros ficaram estacionados, bloqueados em alguma etapa da alfabetização e com o fracasso evadiram-se... Esses são os excluídos... Mas voltam.... são alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos), que buscam retomar essa fase da vida que ficou para trás, para sobreviver as exigência do mercado, terem possibilidade de concorrer a uma vaga de trabalho. Muitos chegam cansados depois de um trabalho braçal, que é digno como qualquer outro, mas mal remunerado. Como procurar outro se não consegue ler e preencher uma ficha? Você poderá pensar... mas escola não é só isso... É pensar, dialogar, conhecer a si, o outro e o mundo. É romantismo... mas para esses alunos a escola é funcional, tem que ser prática e usar recursos e estratégias que condizem com a sua realidade. Lembrei nesse momento, de Paulo Freire, que dizia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. E foi com esse olhar crítico, que busquei acolher esses alunos, com respeito do conhecimento e experiência de vida que cada trazia consigo. Foi no diálogo que encontrei sabedoria popular e partindo daí que as palavras começavam a ser fixadas, compreendidas, lidas e escritas com significação. Não importava naquele exato momento a metodologia empregada. Às vezes contemplava o tradicional, os silábicos, outros momentos, o construtivismo: atividades de acordo com as fases da escrita, textos muitos textos de diferentes gêneros literários. E a satisfação daquelas alunas mulheres avós mães libertando-se das amarras da servidão, da submissão machista e dominadora. E de homens cegos pela ignorância, pelo machismo, mas sabem que são explorados, há certo

conformismo perante as dificuldades da vida. Relacionam essas dificuldades social e econômica de suas vidas como resultados da sua pouca escolaridade.

Numa visão mais aprofundada sobre o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), há uma imensa lacuna a ser preenchida, assim como, a forma como vem sendo colocado o ensino nas escolas públicas.

Contemplando uma grade curricular reduzida onde se conclui cada vez mais rápido o curso. Possibilitando um custo menor para o governo. Para que os educandos sejam inseridos com maior velocidade ao mercado de trabalho. E não se preocupam com a qualidade do ensino a que esses educandos estão sendo submetidos, mas sim, com os dados estatísticos que precisam apresentar ao Banco Mundial. Esse sistema desconsidera totalmente a realidade que os alunos estão inseridos, sua sabedoria popular, sua diversidade cultural. Desvalorizando assim, o ensino e reduzindo cada vez mais os recursos pedagógicos, físicos e profissionais. Restando apenas a criatividade e a perseverança do profissional em educação. É uma política de “inclusão” que na realidade exclui. Segundo Franchi, (1984: 14) “(...) a nossa escola assume diferentes formas: vai desde a total exclusão das classes dominadas (fracassos, reprovações, evasão) até a sua inclusão. Inclusão essa que se dá atualmente dentro do modelo liberal (igualdade de oportunidade para todos)”.

No entanto, percebo que existe um discurso na educação, que vão para o caminho dos novos desafios da formação e da atualização de professores. Estou neste caminho prestes a vencer o “Minotauro”. Ao dominá-lo, dessa vez, seria superar as “competências” tradicionais, dominar o conteúdo, trabalhar os conflitos, saber avaliar o desempenho, relacionar-se com os outros setores da escola. Há uma tendência em mim em permanecer na busca constante do ser criativo, do afetivo e dos valores, como fez Ariadne. Buscou uma solução para Teseu não se perdendo no labirinto. Buscar em mim a vontade de ir além... Romper os paradigmas (Matar o Minotauro). É trilhar os caminhos do labirinto, do enigma e ir ao encontro das respostas para os meus questionamentos, para identificar na prática a teoria que acredito que esteja fora do labirinto. Conquistando assim novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Trad. Arlene Caetano, 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Suzanna. Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva. 9. ed. Porto Alegre. ArtMed, 1998.

BUSQUETS, Maria Dolors – CAINZOS, Manuel – FERNÁNDEZ, Teresa – LEAL, Aurora – MORENO, Montserrat e SASTRE, Genoveva. Temas transversais em educação: bases para uma formação integral – Madri. Editora Ática, 1998.

CANTON, Kátia; “Histórias e contos de fadas”. *Revista Educação – Ano 26 – n° 228, pág. 46, Abril de 2000.*

FRANCHI, Eglê. E as crianças eram difíceis...a redação na escola. 1ª ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de janeiro, Paz e terra. 1999.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 5ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1991.

PUIG, Josep Maria. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. – São Paulo. Casa do Psicólogo, 1998.

VÁRIOS AUTORES e Vários Organizadores. Infância e educação infantil. - Campinas Papyrus, 1999.